

CAMÕES E EMINESCU

Coperta: CĂTĂLIN MATEI ILINCA

© Editura LIBRA®

ISBN 973-99914-2-4

CAMÕES E EMINESCU

**Ensaio de *Mircea Eliade*
acompanhado de textos
dos dois poetas**

**Prefácio
*José Augusto Seabra***

**Libra[®]
Bucareste, 2000**

Edição organizada por Micaela Ghițescu

A publicação foi apoiada pela
Embaixada de Portugal em Bucareste
e pela Direcção-Geral dos Assuntos Consulares e das
Comunidades Portuguesas
por ocasião do Dia de Portugal (2000).
O livro faz parte do projeto „Ano Eminescu 2000“

Para tornar mais viva a imagem em espelho dada por Mircea Eliade dos dois poetas nacionais – de Portugal e da Roménia – acrescentámos ao seu fascinante ensaio alguns sonetos de Camões e de Eminescu, assim como fragmentos das suas obras emblemáticas, *Os Lusíadas* e *Vésper*, em versão bilingue.

O nosso desejo foi o de construir mais uma ponte cultural entre povos irmãos pela linguagem da poesia, sob o olhar tutelar de Mircea Eliade.

Camões e Eminescu lidos por Mircea Eliade

José Augusto Seabra

São pouco conhecidas as aproximações que entre a literatura portuguesa e a romena foram feitas por alguns raros estudiosos dos dois países latinos mais afastados na Europa, para glosarmos o título de um livro que o grande historiador Nicolae Iorga dedicou a Portugal¹. Entre elas, merece ser relevada a que, ligando Camões e Eminescu, esboçou num ensaio fascinante Mircea Eliade, que durante a sua permanência em Lisboa como adido cultural, em plena Grande Guerra, foi seduzido pela leitura do nosso Épico, a cuja lírica fez também uma apaixonada referência no seu Diário².

Esse ensaio, publicado em 1942 no jornal «Acção» – em que aliás colaborou com outros artigos, dos quais há que salientar «Dor – a Saudade romena» – seria depois reproduzido, em 1943, na revista «Vremea», numa versão na sua própria língua, que foi recentemente retraduzida para português por iniciativa da Embaixada de Portugal em Bucareste, por ocasião da celebração, em 1997, do Dia de Camões³. Havendo consagrado, pela mesma época, um estudo a Mihai Eminescu, anteposto à antologia das suas Poesias publicada em 1950 por Victor Buescu, em versão bilingue co-traduzida com Carlos Queiroz, Mircea Eliade empenhou-se, sobretudo, em estabelecer entre os poetas

nacionais de Portugal e da Roménia uma relação de ordem civilizacional, trans-diacrónica, fundada na sua matriz latina comum, que um e outro tinham sabido recriar e renovar nas condições respectivas, diferenciadas no espaço e no tempo mas convergentes no seu horizonte cultural.

«Aproximando os nomes dos dois maiores poetas da latinidade, penso antes de mais na contribuição decisiva que cada um deles trouxe ao enriquecimento do génio latino» – escrevia Elladde⁴, definindo liminarmente o seu propósito, que não se situava, como fazia de resto questão em prevenir, nem no âmbito da história literária comparada nem no da crítica de influências, mas sim no da apreensão dos «valores espirituais» que ambos encarnavam, à distância de três séculos, com a sua idiossincrasia original, fosse um deles um poeta clássico renascentista e o outro um poeta visceralmente romântico.

Manifestando-se contra uma «concepção monovalente, monolítica» das civilizações, Mircea Eliade recusava consequentemente a teoria da «faculdade preponderante» ou «dominante» como explicação das diversidades culturais: «Há na substância de cada cultura uma contradição originária, um conflito, ou melhor, uma ambivalência que apenas encontra equilíbrio em sínteses extremamente raras». Delas eram justamente Camões e Eminescu exemplos paradigmáticos, no caso da civilização latina. Com efeito, eles interpretavam a sua «capacidade

ilimitada de se renovar, de se ultrapassar a si mesma, de renascer das próprias cinzas».

Essa permanente capacidade de uma nova renascença, de geração em geração histórica, é que caracteriza para Mircea Eliade os povos latinos, enquanto povos criadores por excelência, através dos seus valores essenciais: «a língua, a fé, a cultura, a dignidade humana». Herdeiros de «esplêndidas tradições criativas», eles tinham sabido diversificá-las, no quadro das «culturas europeias modernas», ao mesmo tempo que as constituíam em «valores espirituais de circulação universal». A partir do seu enraizamento originário nas culturas autóctones, que iam da Ibéria à Dácia, a civilização latina «transformara a cultura local em cultura ecuménica».

Foi desse ecumenismo que tanto Camões como Eminescu se tornaram os expoentes poéticos máximos, segundo Eliade. Justificando, no plano estético, as descobertas portuguesas, «o que Camões trouxe de novo para a cultura universal foi precisamente a transformação em valores espirituais das geografias e das experiências anteriormente consideradas bárbaras e sem nenhum significado superior», insistia Eliade, que se propunha tratar mais amplamente a «revolução camoniana no seu sentido estético e moral» em dois outros estudos por ele no ensaio anunciados e de que não conhecemos até hoje o rasto: A Ilha dos Amores e As Geografias Míticas e Camões, uma Tentativa de Filosofia da Cultura.

Tal era, na verdade, a importância capital atribuída por Mircea Eliade ao nosso poeta, que considerava uma das chaves decisivas para a compreensão do «génio latino» e do «universo mental europeu». Com ele só ombreava, em sua opinião, o poeta romeno Mihai Eminescu (1850-1889), que considerava outrossim «um dos maiores génios líricos da latinidade». Oriundo da tradição da Dácia felix, que as legiões de Trajano latinizaram e para onde Ovídio fora exilado, ele era ao mesmo tempo a voz de um povo, com uma língua e uma cultura muito próprias, e um poeta de estirpe universal: «Tal como Camões – escrevia Eliade – Eminescu explorou uma vasta e selvagem terra incógnita e transformou em valores espirituais experiências anteriormente consideradas como desprovidas de significado». Alguns dos seus poemas, como Luceafărul («A Estrela da Manhã», ou «Vesper»), atingem uma dimensão cósmica e metafísica que fazem da «geografia bárbara» que era a Dácia para os Romanos uma «Weltanschauung específica», exprimindo uma «atitude característica perante o Universo e perante Deus». Em suma, concluía Eliade, «o génio latino enriqueceu-se através da criação poética de Eminescu, tal como se enriquecera através das obras de Camões».

Pode ver-se meridianamente, através deste ensaio eivado de uma visão antropológica e cultural onde se reconhecem as preocupações centrais da visão espiritual do mundo de Mircea Eliade, todo o alcance da leitura que nos é assim proposta de dois poetas nacionais aparentemente tão

afastados no espaço e no tempo: sob o signo da latinidade, é a sua universalidade, em que a tradição e a modernidade confluem, que é posta espiritualmente em evidência, para lá da sua origem portuguesa ou romena. É que, para Mircea Eliade, «o universo mental da latinidade é um expanding universe, em perpétua transformação»

O futuro historiador das religiões estava bem colocado para inserir os dois grandes poetas nacionais nessa latinidade em expansão universal. Tendo um conhecimento profundo das outras civilizações, nomeadamente da «espiritualidade oriental», que na Índia haurira antes da sua estadia em Portugal, Mircea Eliade não deixava de ser sensível aos ecos que delas se detectavam tanto em Camões como em Eminescu. O seu ensaio abriu pois novas perspectivas à abordagem das suas obras, para lá dos estreitos limites do historicismo e do comparativismo literários. Só à luz dos grandes valores das civilizações e das culturas a alta poesia ganha todo o seu sentido.

NOTAS:

1. Nicolae Iorga, *O País Latino mais Afastado na Europa: Portugal*, Bucareste, 1929.
2. Mircea Eliade, *Diário*, vol. I, Bucareste, 1993.

3. Mircea Eliade, *Camões e Eminescu*, pref. de José Augusto Seabra, trad. de Anca Ferro, Embaixada de Portugal em Bucareste, 1997.

4. *Idem*. Todas as citações seguintes se reportam a esta edição.

Luís de Camões

– Dados biográficos até hoje precários e incompletos –

1525–1543

Por volta de 1525, Camões nasce em Lisboa, como filho de família fidalga, mas pobre. Em Coimbra teria passado alguns anos de juventude, iniciando a sua formação cultural e a carreira poética. Numa visita que fez, antes de 1543, ao mosteiro da Batalha, a profunda impressão que recebeu na capela do Fundador, perante os túmulos do Infante-Navegador e seus irmãos, deve ter feito germinar na mente de Camões o plano de um poema épico sobre a história de Portugal.

História:

- 1525: Derrota dos Franceses em Pavia.
- 1526: Tratado de Madrid entre Francisco I e Carlos V. Batalha de Mohacs.
- 1528: Os Portugueses atacam os Espanhóis nas Molucas.
- 1530: Inicia-se a colonização do Brasil, com a criação das primeiras capitânias. Começo das guerras de religião na Alemanha. Desastre dos Portugueses ante Diu. Henrique VIII rompe as relações com Roma e funda a Igreja anglicana. Calvino adere à Reforma. Criação do Colégio de França.

- 1539: Organização da Companhia de Jesus.
1542: Os Portugueses no Japão. Criação da Inquisição em Roma.

Literatura:

- 1526-1529 Macário, o tipógrafo romeno, retirado no convento Hilandar (montanha de Atos), escreve um relatório geográfico sobre a Dácia.
1532-1535: Fr. Rabelais, *Gargântua e Pantagruel* (primeiros dois livros).
1533: Erasmo de Roterdão, *De amabili concordia*.
1535: Aretino, *Raciocínios*.
1538: Primeiro espectáculo de teatro na corte do Príncipe Petru Rareş da Moldávia.
1541: Cl. Marot, tradução francesa dos *Salmos*.

Artes:

- 1527: H. Holbein, *Retrato de Fischer*.
1530: Correggio, *A Santa Noite*. Tiziano: *S. Pedro Mártir*.
1531: Miguel Ângelo, *A Noite e a Aurora*. Correggio, *S. Jerónimo*.
1532: Correggio, *Madona de S. Jorge*.
1533: Tiziano, *Retrato de Carlos V*.
1541: Miguel Ângelo, *Juízo final* (Capela Sixtina).

Ciência, Tecnologia:

- 1525: Nicolaus Olahus, Tratado de alquimia intitulado *Procesus Universalis*. Zach inventa o relógio de fuso.
- 1528-1530: Introdução da tipografia na Transilvânia.
- 1531: Pedro Nunes inventa o nónio.
- 1534: Invenção do barco movido a rodas com pás.
- 1536: Começo da cirurgia moderna, com Ambrósio Paré.
- 1543: N. Copérnico, *De Revolutionibus Orbium Celestium Libri VI*.

1544–1548

Em 1547, Camões lutou como soldado contra os Mouros, em Ceuta, perdendo o olho direito em combate.

História:

- 1544: Tratado de Crépy entre Francisco I e Carlos V.
- 1545: S. Francisco Xavier na China. Concílio de Trento (até 1563).
- 1546: Os Jesuitas no Brasil. Morte de Lutero.
- 1547: Carlos V vence em Muhlberga a coligação protestante da Alemanha do Norte.
- 1548: Governo do Brasil, unificado por Tomé de Sousa, benemérito governador-general.

Literatura:

1548: Criação, na França, do grupo da Pléiade.

Artes:

1546: Tintoretto, *Juízo final*.

1547: Tintoretto, *Apresentação no Templo*.

1548: Tintoretto, *Milagre de S. Marco*. Tiziano, *Retrato equestre de Carlos V*.

Ciência, Tecnologia:

1544-1547: Começo da actividade na tipografia de Târgoviște (Valáquia).

1545: Ambrósio Paré descobre o sistema de laqueação das artérias.

1549–1550

De volta a Lisboa, em 1549, Camões ingressa na vida palaciana. Anos de dissipações, boémia, paixões juvenis. Os seus dotes intelectuais e poéticos granjeam-lhe admiração e prestígio, mas também inveja e inimizades. Em 1550 alista-se para a Índia, mas não chega a embarcar.

História:

1549: S. Francisco Xavier no Japão. No Brasil, fundação do Salvador (depois, S. Salvador da Baía).

Literatura:

- 1549: J. Du Bellay, *Defesa e Ilustração da Língua Francesa*.
1550: P. de Ronsard, *Odes*. J. de Montemaior, *Diana*.

Artes:

- 1549: Paládio, início da construção da *Basilica de Vicenza*.

Ciência, Tecnologia:

- 1550: Primeira ponte suspensa. Começo da actividade da tipografia de Cluj (Transilvânia).

1551–1553

Numa rixa, em 1553, Camões deixa malferido um servidor do rei (Gonçalo Borges), o que o atirou para a cadeia por um ano.

História:

- 1551: Primeiro bispado do Brasil, na Baía.
1552: Morte de S. Francisco Xavier.
1553: Os Chineses concentram os Portugueses em Macau.
Maria Tudor reestabelece o catolicismo na Inglaterra.

Literatura:

- 1552: P. de Ronsard, *Amores*. Jodelle, *Cleópatra*.

Artes:

1553: Morte de Lucas Cranach (n. 1472).

Ciência, Tecnologia:

1552: Bruler, em Nuremberga, inventa o laminador.

1554–1555

Perdoado em 1554, Camões parte para servir o Império na Índia (Goa). Em 1555 participa de expedições militares, colabora nas festas de investidura do Governador com o *Auto de Filodemo*. Nessa época foram ideadas algumas das suas canções e elegias.

História:

1555: Os Franceses tentam estabelecer-se no Brasil.

Literatura:

1555: P. de Ronsard, *Hinos*.

Artes:

1554: P. Veronese, *Júpiter Fulminando os Vícios*.

1555: P. Veronese, *Coroação da Virgem*.

Ciência, Tecnologia:

1554: Invenção do amálgama para o tratamento do minério de prata.

1556–1566

O período mais fértil da obra de Camões estende-se entre 1556 e 1559. Até 1566, provedor-mor de defuntos e ausentes em Macau. Sofre naufrágio na Foz de Mecon (Mekong), a custo salvando o manuscrito de *Os Lusíadas*.

História:

1556: Abdicação de Carlos V. Morte de S. Inácio de Loyola (n. 1491).

1557: Nova tentativa dos Franceses no Brasil.

1558: Tomada de Calais aos Ingleses pelos Franceses. Mem de Sá, governador-geral do Brasil (até 1572).

1559: Francisco II na França.

1560: Mem de Sá expulsa os Franceses do Rio de Janeiro. Maria I Stuart na Inglaterra.

1562-1598: Guerras de religião na França.

1565: Fundação do Rio de Janeiro por Mem de Sá.

Literatura:

1558: Morte de Sá de Miranda (n. 1481).

- 1559: Morte de Garcilaso de la Vega (n. 1500). J. Du Bellay, *Lamentações*.
1560: P. de Ronsard, *Discursos*.
1564: Nasce Shakespeare (m. 1616).
1566: Damião de Góis, *Crónica de El-Rei D. Manuel*.

Artes:

- 1556: Palestrina, *Missa do Papa Marcel*.
1556-1559: Construção da ala renascentista do Castelo de Heidelberg.
1560: Tintoretto, *Glorificação de S. Roque*.
1562: Veronese, *Bodas de Cana*.
1563: Início da construção do Escorial.
1564: Início da construção das Tulherias.

Ciência, Tecnologia:

- 1557: Primeiro livro em romeno, impresso em Braşov por Coresi.
1565: Invenção do lápis de plumbagina.

1567

Camões empreende a viagem de regresso a Lisboa.

História:

- 1567: Destruição dos estabelecimentos franceses no Brasil.

Literatura:

1567: Damião de Góis, *Crónica do Príncipe D. João*.

1568–1569

Camões passa dificuldades e privações, encontrando o Diogo de Couto em Moçambique «tão pobre que comia de amigos, e para se embarcar para o Reino lhe ajustamos os amigos toda a roupa que houve mister, e não faltou quem lhe desse de comer (...). Aquele inverno que esteve em Moçambique acabou de aperfeiçoar as suas *Lusíadas* para as imprimir».

Literatura:

1569: Nasce Guillén de Castro (m. 1631), autor de *As Mocidades do Cid*.

Artes:

1568: Início da construção da Basílica de S. Pedro de Roma.

Ciência, Tecnologia:

1569: Mapa do Mundo, por Mercator.

1570–1580

Em 1570, Camões está de volta a Lisboa. Nos últimos dez anos passa negra miséria, pouco lhe

valendo a reduzida «tença» anual concedida por D. Sebastião pelos serviços prestados e pelo «livro que fez das coisas da Índia». Em 1572 publica *Os Lusíadas*, cuja elaboração se estendeu de 1544 (ou 1545) a 1570. Morre em 1580. Da sua miséria final diz a lenda que só as esmolas obtidas por um seu criado javanês (António) lhe ajudavam a sobreviver. Pouco antes de morrer Camões escrevia a um amigo: «Enfim acabarei a vida e verão todos que fui tão afeiçoado à minha pátria, que não me contentei de morrer nela, mas com ela». O enterro teve de ser feito a expensas de um estabelecimento de beneficência, a Companhia dos Cortesãos. O seu cenotáfio encontra-se em Lisboa, no Mosteiro dos Jerónimos, que D. Manuel I fundou em memória do descobrimento do caminho marítimo para a Índia (glorificado em *Os Lusíadas*).

História:

- 1571: Batalha de Lepanto, em que Cervantes foi ferido e caiu em poder dos piratas barbarescos.
- 1572: Morticínio da noite de S. Bartolomeu.
- 1574: Os Jesuitas na Transilvânia.
- 1578: Derrota do exército português organizado e dirigido por D. Sebastião, na batalha de Alcácer Quibir.

- 1579: As Províncias Unidas (antigo nome das sete províncias da Holanda) em República (União de Utrecht).
1580: Portugal submete-se ao jugo espanhol.

Literatura:

- 1572: P. de Ronsard, *A Franciada*.
1573: T. Tasso, *Aminta*.
1574: P. de Ronsard, *Sonetos para Helena*.
1575: T. Tasso, *Jerusalém Libertada*.
1576: Inauguração do primeiro teatro permanente em Londres.
1580: M. de Montaigne, *Ensaaios* (os primeiros dois livros).

Artes:

- 1575: Caravaggio, *Júpiter dando a Veneza o Império do Mundo*.
1577: El Greco, *Altar de S. Domingo o Antigo*.
1578: Veronese, pinturas no *Palácio dos Doges* de Veneza.
1579: El Greco, *Espólio*.
1580: El Greco, *S. Maurício e a Legião Tebana*.

Ciência, Tecnologia:

- 1571: Vignola, *Tratado de Arquitectura*.

Tradução de Micaela Ghițescu

Mihai Eminescu

Referências prévias

1850

Em 15 de Janeiro, na cidade de Botoșani, no Nordeste da Roménia, nasce o futuro poeta Mihai Eminescu. Os pais, Gheorghe e Raluca Eminovici, eram pequenos fazendeiros e tiveram 11 filhos, sendo o poeta o sétimo.

História:

Tratado Anglo-Americano («Clayton-Bulwer») pelo qual se declara neutra a zona do futuro Canal de Panamá. No Brasil, supressão do tráfico de escravos africanos.

Literatura:

Ch. Dickens, *David Copperfield*.

Artes:

J. F Millet, *O Semeador*. G. Courbet, *Enterro em Ornans*.

Ciência, Tecnologia:

Primeiro cabo submarino para o telégrafo (Dôver-Calais).

1850–1857

O futuro poeta passa a infância na aldeia de Ipotești, a 8 km de Botoșani, onde os pais tinham a sua pequena herdade. Actualmente, nessa localidade encontra-se a Casa Memorial Mihai Eminescu.

História:

A Guerra da Crimeia (1853-1856) na qual a Turquia, a Inglaterra, a França, a Áustria e o Piemonte lutam com a Rússia. O Tratado de Paz subsequente acaba com o protectorado da Rússia sobre os Principados Romenos e institui o protectorado das potências europeias.

Literatura:

A. Herculano, *Lendas e Narrativas* (1851). H. Melville, *Moby Dick* (1851). H. Beecher-Stowe, *A Cabana do Pai Tomás* (1852). Th. Gautier, *Esmaltes e Camafeus* (1852); I. Turgueniev, *Contos de um Caçador* (1852); W. Whitman, *Folhas de Erva* (1855). G. Flaubert, *Madame Bovary* (1856). A. Herculano, *Portugaliae Monumenta Historica* (1956). Ch. Baudelaire, *As Flores do Mal* (1857). J. de Alencar, *O Guarani* (1957).

Artes:

G. Courbet, *A Oficina do Pintor* (1851). G. Verdi, *Rigoletto* (1851). V. F. Bastos, *Amor e Psyché* (1852). G. Verdi, *A Traviata, O Trovador* (1853). F. Liszt, *Os Prelúdios* (1854), *Concerto No. 1 para Piano* (1855).

Ciência, Tecnologia:

L. Foucault demonstra, graças ao pêndulo, o movimento de rotação da Terra (1851). A. Thierry, *Ensaio sobre a História do Terceiro Estado* (1853). P Mérian descobre as propriedades do asfalto (primeiras estradas revestidas de asfalto).

1858–1860

O futuro poeta matricula-se na «National Hauptschule» da cidade de Czernovitz (Norte da Bucovina), que pertencia naquela época à Áustria; actualmente a cidade faz parte da Ucrânia. Frequenta as aulas do III e IV ano primário.

História:

Conferência de Paris (1858, Grã-Bretanha, Prússia, Sardenha, Rússia, Áustria, França, Turquia) sobre a organização dos Principados Romenos. União dos Principados Romenos da Moldávia e Valáquia (1859).

Literatura:

I. A. Gontcharov, *Oblomov* (1859). J. Eliot, *O Moinho do Floss* (1860).

Artes:

J. Brahms, *Concerto No. 1 para Piano* (1859).
Fundação do Conservatório de Música e Declamação de Iassi (1860).

Ciência, Tecnologia:

Ch. Darwin, *A Origem das Espécies por Via da Seleção Natural, ou a Conservação das Raças Favorecidas na Luta pela Existência* (1859).

1860-1863

Matriculado no «Ober-Gymnasium» de Czernovitz.
Frequenta a Iª classe do curso secundário (e repete a IIª).

História:

Intervenção do Brasil na Guerra de Uruguai (1862).
Fundação, em Genebra, da Comissão Internacional da Cruz Vermelha (1863).

Literatura:

A. de Quental, *Sonetos* (1861). Madach Imre, *Tragedia do Homem* (1861). Ch. Dickens, *As Grandes Expectativas*

(1861). F. M. Dostoievsky, *Recordações da Casa dos Mortos* (1860-1861). V. Hugo, *Os Miseráveis* (1862). C. Castelo Branco, *Amor de Perdição* (1862).

Artes:

M. A. Lupi, *Retrato de Pedro V* (1860). V. Meireles, *Primeira Missa no Brasil* (1861). H. Daumier, *O Compartimento de 3ª Classe* (1862). Cl. Monet, *O Almoço na Erva* (1863).

Ciência, Tecnologia:

Construção, em Londres, do primeiro metropolitano do mundo. R. J. Gatling inventa a metralhadora (1862).

1864

O futuro poeta trabalha por pouco tempo como empregado do Tribunal e da Comissão Permanente Distrital de Botoşani.

História:

O Papa Pio IX lança a encíclica do *Syllabus* em que anatemiza o socialismo e o comunismo. Guerra entre o Brasil e o Paraguai.

Literatura:

Fundação, em Iassi, da Sociedade Cultural *Junimea* («A Juventude») a que pertencerá também Eminescu.

Artes:

Fundação do Conservatório de Música de Bucareste.

Ciência, Tecnologia:

J. Maxwell descobre as ondas electromagnéticas.

1865

O futuro poeta regressa ao ginásio de Czernovitz como «privatista». Hospedado na casa de Aron Pumnul, o seu professor de ginásio, grande linguista e filólogo, possuidor de uma boa biblioteca.

História:

A França ocupa o Senegal. Criação, nos Estados Unidos, da organização de Ku-Klux-Klan.

Literatura:

L. Carroll, *Alice no País das Maravilhas*. L. N. Tolstoi, *Guerra e Paz* (1865-69). Polémica literária «A Questão Coimbrã». J. de Alencar, *Iracema*.

Ciência, Tecnologia:

Cl. Bernard, *Introdução ao Estudo da Medicina Experimental*. H. Taine, *Filosofia da Arte*.

1866

Em 12/24 de Janeiro morre Aron Pumnul. Na brochura comemorativa editada pelos seus alunos publica-se a primeira poesia, *No enterro de Aron Pumnul*, assinada M. Eminoviciu, privatista. Em 24 de Fevereiro/9 de Março, a revista *Familia* de Pesta publica a poesia *Se eu tivesse*. O director desta publicação muda o nome de Eminoviciu para Eminescu, que o poeta adotarà doravante. Em Abril-Outubro viaja a pé pela Transilvânia, que pertencia naquela altura à Áustria. De lá atravessa as montanhas e vem para Bucareste.

História:

Guerra Franco-Prussiana. O primeiro príncipe da Roménia, Alexandru Ioan Cuza, é obrigado a abdicar. O novo príncipe, Carlos de Hohenzollern-Sigmaringen (futuro rei Carlos I), é estrangeiro.

Literatura:

F. M. Dostoievsky, *Crime e Castigo*. E. Zola, *Sobre o Romance* (manifesto do naturalismo). P. Verlaine, *Poemas Saturnais*.

Artes:

Em 22 de Abril, o primeiro concerto sinfónico de Bucareste. H. Fantin-Latour, *Natureza Morta*. V. Perov, *A Troica*.

Ciência, Tecnologia:

E. H. Haeckel enuncia a lei biogenética fundamental («a ontogenia é uma breve repetição da filogenia»). Primeiro cabo submarino transatlântico. Alfred B. Nobel dá os últimos retoques ao processo de fabricação da dinamite.

1867

Eminescu trabalha como ponto e copista num conjunto teatral com o qual percorre o país. Lê a maior parte da obra de Schiller, traduzindo-lhe a poesia *Resignação*.

História:

Acordo Áustro-Húngaro concernente à constituição da monarquia dualista da Áustria-Hungria. Desse modo, a Transilvânia perde a sua autonomia e passa a integrar a Hungria. A Rússia vende aos Estados Unidos o Alasca e as Ilhas Aleútas pela quantia de 7.200.000 dólares. Em Portugal é abolida a pena de morte.

Literatura:

Em 1 de Março, em Iassi, sai o primeiro número da revista *Convorbiri literare* («Conversas literárias») de que Eminescu será, mais tarde, um dos principais colaboradores. H. Ibsen, *Peer Gynt*. J. Dinis, *As Pupilas do Senhor Reitor*. Oliveira Martins, *Febo Moniz*.

Artes:

F. J. Resende, *Camões salvando «Os Lusíadas»* (Exposição Universal de Paris). V. F. Bastos, *Monumento a Camões* de Lisboa.

1868

Eminescu trabalha noutra conjunto teatral, fazendo uma «tournée» pela Transilvânia. Ao estabelecer-se em Bucareste, conhece Ion Luca Caragiale (1852-1912), um dos mais importantes escritores romenos.

História:

Supressão, na França, da censura prévia à imprensa. Nos Estados Unidos, entra em vigor uma emenda na Constituição concedendo direitos civis aos negros.

Literatura:

B. Bjoernson, *A Filha do Pescador*. Ch. de Coster, *A Lenda de Till Eulespiegel*. J. Dinis, *A Morgadinha dos Canaviais, Uma Família Inglesa*.

Artes:

R. Wagner, *Os Mestres Cantores de Nuremberga*. H. Daumier, *Dom Quixote*. Fundação, em Bucareste, da Sociedade «Filarmónica Romena».

Ciência, Tecnologia:

E. H. Haeckel, *História da Criação Natural*.

1869

Em princípios de Outubro, Eminescu matricula-se na Faculdade de Filosofia da Universidade de Viena, como «ausserordentlich», i.e. ouvinte. Ingressa nas duas sociedades de estudantes romenos ali existentes, que se fundirão formando a *România Jună* («Jovem Roménia»).

História:

O primeiro Concílio do Vaticano (20º da Igreja Católica) proclama a infalibilidade do Papa.

Literatura:

Lautréamont, *Cantos de Maldoror*.

Artes:

J. P. Carpeaux, *A Dança*. E. Manet, *O Balcão*. R. Wagner, *O Ouro do Reno*. J. Brahms, *Um Requiem Alemão*.

Ciência, Tecnologia:

Inauguração do Canal de Suez. D. I. Mendeleiev descobre a lei da periodicidade dos elementos e realiza a sua classificação.

1870

Eminescu frequenta bastante regularmente as aulas da Universidade, mas está mais interessado na biblioteca. Estreia-se com a poesia *Vénus e Madona* na revista de Iassi *Convorbiri literare*.

História:

A guerra Franco-Prussiana termina com a Paz de Francoforte do Meno. Batalha de Sédan. Capitulação de Napoleão III e do exército francês cercado. A Comuna de Paris. Proclamação da III República Francesa. Fim da guerra do Paraguai com o Brasil.

Literatura:

G. Flaubert, *Educação Sentimental*. A. C. Swinburne, *Cantos do Raiar da Aurora*. A. Rimbaud, *O Barco Ébrio*.

Artes:

G. Courbet, *A Onda*. P. Cézanne, *O Pêndulo Negro*. N. Grigorescu, *Camponesa de Muscel*. I. E. Repin, *Os Rebocadores do Volga*. M. A. Pereira, *Eurico* (1870-1874). C. Gomes, *O Guarani* (Estreia no Scala de Milão).

Ciência, Tecnologia:

J. W. e I. S. Hyatt inventam o princípio fundamental de preparação do celulóide. H. Schliemann inicia as escavações de Hissarlik (em busca de Tróia). A. Wallace, *A Seleção Natural*. H. Taine, *Sobre a Inteligência*.

1871

Como membro marcante da sociedade estudantil *România Jună*, Eminescu participa das festividades de Putna (localidade da Bucovina onde está sepultado Estévão o Grande, príncipe da Moldávia entre 1457 e 1504).

História:

Capitulação de Paris. Tratado de Paz Franco-Alemão. A França perde a Alsácia e a Lorena e paga 5 milhões de

francos-ouro como indenizações de guerra. L. A. Thiers, eleito presidente da República Francesa.

Literatura:

A. N. Ostrovsky, *O Bosque*; G. A. Bécquer, *Lendas Espanholas*. Eça de Queirós, «Conferências do Casino».

Artes:

G. Verdi, *Aida*. Cl. Monet, *O Parlamento de Londres*. Soares dos Santos, *O Desterrado*. T. J. da Anunciação, *O Vitelo*.

Ciência, Tecnologia:

F. Nietzsche, *Nascimento da Tragédia*.

1872

Eminescu conhece, em Viena, Verónica Micle (1850-1889), poetisa do círculo da revista *Convorbiri literare*, com quem vai manter uma relação intensa e sinuosa. Em Iassi, lê poesia e prosa em duas reuniões sucessivas da Sociedade *Junimea*. Recebendo dessa Sociedade uma subvenção mensal, vai a Berlim, onde se matricula na Universidade, desejando cursar filosofia, história, economia e direito.

História:

Discurso programático (24 de Junho) de Benjamim Disraeli no Crystal Palace de Londres, no qual preconiza o fortalecimento e a extensão do Império Colonial Britânico.

Literatura:

A. Daudet, *Tartarin de Tarascon*. Ch. M. Leconte de Lisle, *Poemas Bárbaros*. J. Verne, *A Volta ao Mundo em 80 Dias*. A. de Quental, *Odes Modernas*.

Artes:

Th. Aman, *A Expulsão dos Turcos de Călugăreni*. Cl. Monet, *Impressão. Nascer do Sol*. Muybridge realiza, em San Francisco, as primeiras tomadas de vistas executadas por meio de várias cabinas de câmaras escuras.

Ciência, Tecnologia:

B. B. Hotchkiss inventa a metralhadora que leva o seu nome. F. Klein efectua a síntese da «teoria dos grupos» («Programa de Erlangen»)

1873

Eminescu frequenta as aulas da Universidade de Berlim sem prestar exame algum.

História:

A «Aliança dos Três Imperadores», (Alexandre II, czar da Rússia, Francisco José I, imperador da Áustria e rei da Hungria, e Guilherme I, imperador da Alemanha). Proclamação da Primeira República espanhola.

Artes:

J. F. Millet, *Primavera*.

Ciência, Tecnologia:

G. Cantor lança as bases da teoria matemática dos conjuntos. M. Bakunine, *O Estado e a Anarquia*. F. Guizot, *História da França*.

1874

Correspondência de Eminescu com Titu Maiorescu (1840-1917), esteta, crítico literário, professor, mentor da Sociedade *Junimea* e da revista *Convobiri literare*. Ele propõe a Eminescu que se doutore para poder ser nomeado professor universitário. Mas Eminescu não se doutora e, em 1 de Setembro, emprega-se como director da Biblioteca Central de Iassi. Ao mesmo tempo lecciona lógica no Instituto Académico dessa cidade.

História:

Tratado Franco-Vietnamita. O Vietname reconhece a autoridade da França sobre o Sul do país. Golpes de Estado sucessivos na Espanha.

Literatura:

M. Twain, *Aventuras de Tom Sawyer*. P. A. Alarcón y Ariza, *O Chapéu de Três Bicos*.

Artes:

P. Puvis de Chavannes, *Os Frescos do Panteão parisiense*. E. Manet, *Barco Veleiro em Argenteuil*. M. Mussorgsky, *Boris Godunoff*. J. Strauss, *O Morcego*.

Ciência, Tecnologia:

Início da primeira expedição oceanográfica com o barco «Challenge» pelo Pacífico Sul. E. H. Haeckel, *Antropologia ou História da Evolução Humana*.

1875

Na primeira parte do ano, Eminescu põe em ordem a Biblioteca Central de Iassi e propõe o seu enriquecimento com originais e livros romenos antigos. Em 1 de Junho é nomeado inspector escolar para os distritos de Iassi e Vaslui. Conhece Ion Creangă (1838-1889) que vai incentivar a

escrever. Este último tornar-se-á um dos mais importantes prosadores romenos.

História:

O governo inglês compra do Egito acções que lhe garantem o domínio sobre o Canal de Suez. Adopção da Constituição da III República Francesa. Acordo Russo--Japonês: a ilha de Sacalina fica com a Rússia e as ilhas Curilhas passam para o Japão. Nos Estados Unidos, a lei federal proíbe toda e qualquer forma de segregação em locais e instituições públicas.

Literatura:

L. N. Tolstoi, *Anna Karenina* (1875-1877). C. Castelo Branco, *Novelas do Minho* (1875-77). J. de Alencar, *O Sertanejo*.

Artes:

E. Lalo, *Sinfonia Espanhola*. G. Bizet, *Carmen*.

Ciência, Tecnologia:

K. Ludwig descobre a pressão do sangue nos vasos capilares. V Conta, *Teoria do Fatalismo*. B. P. Hasdeu, *Princípios de Filologia Comparativa Ario-Europeia Compreendendo os Grupos Indo-Perso-Trácico, Greco-Italo-Céltico e Leto-Eslavo-Germânico*.

1876

No âmbito das palestras públicas da Sociedade *Junimea*, Eminescu faz uma conferência, publicada em seguida, sobre a *Influência Austriaca sobre os Romanos dos Principados*. Mudando-se o governo, é dispensado do cargo de inspector escolar. Recebe o cargo de revisor e redactor do diário local *Curierul de Iași* («Correio de Iassi») – secção não-oficial.

História:

Conferência de Constantinopla (embaixadores da Rússia, Inglaterra, Áustria-Hungria e França) para resolver a crise oriental, desencadeada pelas revoltas anti-otomanas na Bósnia, Herzegovina, Bulgária e pela guerra da Sérvia e do Montenegro contra a Turquia.

Literatura:

St. Mallarmé, *Tarde de um Fauno*. Eça de Queirós, *O Crime do Padre Amaro*.

Artes:

P. A. Renoir, *Bailes no «Moulin de la Galette»*. A. Sisley, *Barco Durante a Inundação*. E. Degas, *O Absinto*. R. Wagner, *O Crepúsculo dos Deuses*, *Siegfried*.

Ciência, Tecnologia:

Th. Thomson inventa o processo de solda eléctrica. Th. A. Edison inventa o fonógrafo cilíndrico e o microfone de carvão. Al. G. Bell inventa o telefone (no mesmo ano que E. Gray).

1877

Eminescu continua a actividade de publicista no *Curierul de Iași*, escreve crónicas teatrais, participa nas reuniões da Sociedade *Junimea*. Na segunda parte do mês de Outubro, muda-se para Bucareste onde trabalha como redactor no diário *Timpul* («O Tempo»). Dá à luz a série de artigos *Icoane vechi și Icoane nouă* («Ícones antigos e novos»).

História:

Em Abril começa a Guerra Russo-Turca em que o exército romeno participa ao lado da Rússia. Em 9 de Maio, o Parlamento Romeno proclama a independência política do país.

Literatura:

G. Carducci, *Odes Bárbaras*.

Artes:

E. Degas, *Mulheres no Terraço de um Café*. E. Manet, *Nana*. Cl. Monet, *A Estação de Saint-Lazare*. C. Pissarro, *Os Telhados Vermelhos*. P. I. Tchaikovsky, *O Lago dos Cisnes*. C. Saint-Saëns, *Sansão e Dalila*.

Ciência, Tecnologia:

L. H. Morgan, *A Sociedade Antiga*. H. Spencer, *Princípios de Sociologia*. E. Reynaud constrói o praxinoscópio (teatro de projecções).

1878

Eminescu trabalha no diário *Timpul*. Durante o mês de Março publica uma série de artigos sob o título de *Basarabia (Bessarábia)*, verdadeira campanha de imprensa contra a política ingrata e de anexação da Rússia. No Verão, retirado na herdade de um amigo para umas breves férias, traduz do alemão um volume intitulado *Fragmentos da História dos Romanos*.

História:

A Paz de Santo Estêvão e o Congresso e a Paz de Berlim resultam no reconhecimento da independência da Roménia e dos seus direitos sobre a província da Dobruja (entre o Danúbio e o Mar Negro), mas também a anexação,

pela Rússia, do Sul da Bessárabia, território situado entre o rio de Dniestre e o Prut.

Literatura:

H. James, *Daisy Miller*. J. Neruda, *Contos de Mala Strana*. Eça de Queirós, *O Primo Basílio*.

Artes:

A. Sisley, *Neve em Louvenciennes*.

Ciência, Tecnologia:

Th. A. Edison inventa a lâmpada eléctrica de incandescência. Cl. Bernard, *A Ciência Experimental*. W. Windelband, *História da Filosofia Moderna*.

1879

Morre o marido de Verónica Micle. Projectos de casamento irrealizáveis.

História:

Tratado secreto de aliança Alemã-Austro-Húngara dirigido contra a França e a Rússia.

Literatura:

Oliveira Martins, *História de Portugal*. A. Strindberg, *A Câmara Vermelha*. I. L. Caragiale, *Uma Noite Tempes-*

tuosa. H. Ibsen, *Nora* ou *Casa de Boneca*. F. M. Dostoievsky, *Os Irmãos Karamazov* (1879-1880).

Artes:

J. Brahms, *Sonata No. 1 em Sol Maior (Sonata da Chuva)*. P. I. Tchaikovsky, *Eugénio Oneguine*. C. Franck, *As Beatitudes*.

Ciência, Tecnologia:

M. Planck enuncia os princípios da termodinâmica. Ch. A. Colomb enuncia a lei da atracção e rejeição das cargas eléctricas.

1880

Eminescu esgota-se com o trabalho na redacção do *Timpul*. Desiste dos projectos de casamento com Verónica Micle.

História:

O príncipe Fernando de Hohenzollern, sobrinho de Carlos I, é designado herdeiro presuntivo do trono da Roménia.

Literatura:

G. de Maupassant, *Bola de Sebo*. E. Zola, *Nana*. Castro Alves, *Navio Negreiro*.

Artes:

A. Rodin, *O Pensador*. E. Degas, *Bailarina em Vestido Cor de Rosa*. P. A. Renoir, *Do Camarote*.

Ciência, Tecnologia:

L. Pasteur realiza a atenuação do vírus (o vírus--vacina), descobre o estafilococo e o estreptococo. R. Koch lança as bases da bacteriologia.

1881

Eminescu continua redactor do *Timpul*. Publica quatro das cinco *Epístolas*. As relações com Verónica Micle vão-se deteriorando.

História:

A Roménia torna-se reinado. Carlos I é coroado rei, em 10 de Maio.

Literatura:

H. Ibsen, *Os Espectros*. M. Twain, *Príncipe e Mendigo*. Oliveira Martins, *Portugal Contemporâneo*. Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

Artes:

I. Andreescu, *Inverno em Barbizon*. P. Puvis de Chavannes, *Coitado do Pescador*. P. I. Tchaikovsky,

Concerto para Violino. J. Offenbach, Os Contos de Hoffmann.

Ciência, Tecnologia:

A primeira rede telefónica local (na Alemanha). L. Lumière efectua a primeira fotografia instantânea. Ed. Taylor, *Antropologia; Introdução ao Estudo do Homem e da Civilização.*

1882

Eminescu continua a trabalhar para o *Timpul*. Nas reuniões bucarestinas da *Junimea* lê várias vezes o poema *Vesper*. Mite Kremnitz, cunhada de Maiorescu, faz a tradução para o alemão.

História:

Tratado de aliança entre a Alemanha, a Áustria-Hungria e a Itália (a «Tríplice Aliança») contra a França e a Rússia. «Regulamento de Navegação Fluvial e de Vigilância» para uma parte do Danúbio, compreendida entre as Portas de Ferro e a cidade de Galați, em favor da Áustria-Hungria. As tropas inglesas ocupam o Egipto.

Literatura:

C. Castelo Branco, *A Brasileira de Prazins.*

Artes:

I. Andreescu, *Auto-retrato*. I. K. Aivazovsky, *O Mar Negro*. C. Porumbescu, *Lua Nova*.

Ciência, Tecnologia:

Começa a funcionar a primeira central eléctrica pública, construída por Th. A. Edison em Nova Iorque. Publicação do Iº volume do *Grande Dicionário Geográfico da Roménia*.

1883

Na segunda parte de Agosto Eminescu dá sinais de alienação mental e será hospitalizado num sanatório de Bucareste. Em Outubro, será enviado ao sanatório da localidade de Ober-Döbling, actualmente um bairro de Viena. Em fins de Dezembro sai em Bucareste o volume *Poesii* («Poesias»), organizado e prefaciado por Titu Maiorescu, que contém 44 das poesias já publicadas por Eminescu em revistas e mais 25 inéditas. É o único volume de versos publicado durante a vida do poeta.

História:

Tratado secreto de aliança entre a Áustria-Hungria e a Roménia, ao qual adere também a Alemanha.

Literatura:

C. Collodi, *Aventuras de Pinocchio, História de um Boneco de Madeira*. Villiers de l'Isle Adam, *Contos Cruéis*. Castro Alves, *Os Escravos*.

Artes :

F. Hervé, *Mam'selle Nitouche*. L. Delibes, *Lakmé*.

Ciência , Tecnologia:

Construção do primeiro «arranha-céus» em Chicago. K. J. Van Depoele inventa o trólei e o eléctrico. W. Dilthey, *Introdução às Ciências do Espírito*.

1884

Em Fevereiro Eminescu sai do sanatório e viaja pela Itália. Em fins de Março, regressa à Roménia. Em Setembro é nomeado sub-bibliotecário na Biblioteca Central de Iassi.

História:

Conferência internacional de Berlim, com a participação de 14 Estados, que leva, praticamente, à divisão da África.

Literatura:

H. Sienkiewicz, *Pelo Ferro e Pelo Fogo*. I. L. Caragiale, *Uma Carta Perdida*. P. Verlaine, *Os Poetas Malditos*.

Artes:

E. Degas, *As Engomadeiras*. J. Massenet, *Manon*.

Ciência, Tecnologia:

G. Ricci realiza o cálculo diferencial absoluto. O. Mergenthaler inventa a linotipia.

1885

Além do emprego na Biblioteca, Eminescu dá aulas na Escola Comercial. Durante o verão, consegue uma cura por meio de banhos de lodo num sanatório perto de Odessa. Sai a segunda edição das *Poesias*.

História:

Terceira guerra Anglo-Birmã. A Grã-Bretanha ocupa a Birmânia. Guerra entre a Sérvia e a Bulgária.

Literatura:

J. Laforgue, *As Melancolias*. G. de Maupassant, *Bel-Ami*.

Artes:

N. Grigorescu, *O Ataque de Smârdan*. V. Van Gogh, *Os Comedores de Batatas*. J. Strauss, *O Príncipe dos Ciganos*.

Ciência, Tecnologia:

W. Krookes, *Da origem dos Elementos Químicos*. L. Pasteur faz o primeiro tratamento com a vacina anti-rábica. G. Daimler e M. Maybach inventam a motocicleta.

1886

Eminescu continua a trabalhar na Biblioteca, efectuando pequenas tarefas: escreve tabelas de salários, ofícios sobre os ordenados, várias circulares para a restituição de livros emprestados e para convocar a Comissão da Biblioteca. No Verão, reincide a doença. Será transportado a um hospício perto de um convento.

História:

A Grã-Bretanha proclama a anexação da Birmânia e inclui-a na Colônia Índia. Convenção Anglo-Alemã para a divisão das Ilhas Salomão. Em Nova Iorque, inauguração da Estátua da Liberdade.

Literatura:

A. Rimbaud, *Iluminações*. E. De Amicis, *Cuore*. A. de Quental, *Sonetos Completos*.

Ciência, Tecnologia:

B. P. Hasdeu, *Etymologicum Magnum Romaniae* (1º vol.). W. Wundt, *Ética*.

1887

Conseguindo alta, Eminescu vai a Botoşani para ser cuidado pela irmã menor. Faz uma viagem a Hall, para se tratar, depois regressa a Botoşani.

História:

O príncipe alemão Fernando de Saxônia-Coburgo é eleito czar da Bulgária. Atentado frustrado contra o czar Alexandre III da Rússia.

Literatura:

Eça de Queirós, *A Relíquia*.

Artes:

V. F. Serov, *Menina com Pêssegos*. G. Seurat, *Os Modelos*. Soares dos Santos, *Busto da Inglesa*.

Ciência, Tecnologia:

E. Berliner inventa a máquina registadora do som em disco.

1888

Verónica Micle convence Eminescu a mudar-se para Bucareste. No final do ano, sai a terceira edição do seu volume de poesias.

História:

O Estado romeno resgata dos concessionários os caminhos de ferro, tornando-se proprietário de toda a rede ferroviária do país. No Brasil, Lei de 13 de Maio abolindo a escravidão.

Literatura:

R. L. Stevensen, *A Seta Preta*. A. Jarry, *Ubu Rei*. Eça de Queirós, *Os Maias*.

Artes:

V. Van Gogh, *O Girassol*. P. A. Renoir, *Mulheres Enxugando-se Depois do Banho*. H. de Toulouse-Lautrec, *A Cavaleira do Circo de Fernando*. E. Grieg, *Peer Gynt*.

Ciência, Tecnologia:

Th. Ribot, *Psicologia da Atenção*.

1889

Em Fevereiro o estado de saúde do poeta vai piorando. Ingressa num hospital, depois num sanatório. Morre em 15 de Junho. Foi sepultado em 17 de Junho no Cemitério de Bellu (Bucareste).

História:

Primeira Conferência Internacional dos Estados Americanos, a que faltou apenas a República Dominicana. Exposição Universal de Paris. Edificação da Torre Eiffel. Proclamação da República no Brasil.

Literatura:

J. K. Jerome, *Três num Barco*. L. N. Tolstói, *Ressurreição (1889-1899)*.

Artes:

P. Gauguin, *O Cristo Amarelo*. V. Van Gogh, *O Homem da Orelha Cortada*. C. Gomes, *O Escravo* (estreia na Ópera do Rio de Janeiro).

Ciência, Tecnologia:

H. Bergson, *Ensaio sobre os Dados Imediatos da Consciência*.

Tradução de Micaela Ghițescu

MIRCEA ELIADE
CAMÕES E EMINESCU

«A latina tribo é rainha»
(Vasile Alecsandri)

Quero começar por definir o objectivo deste artigo, que não é um trabalho de história literária comparada, e no qual não me proponho buscar as eventuais influências camonianas que se possam encontrar na obra do grande escritor romeno Mihai Eminescu. Aproximando os nomes dos dois maiores poetas da latinidade, penso antes de mais na contribuição positiva que cada um deles trouxe ao enriquecimento do «génio latino».

Por vezes é bastante difícil falar do «génio latino».

Na verdade, como todas as expressões similares, esta é também bastante aproximativa, dada a amplitude das realidades que é preciso condensar numa fórmula sintética.

É difícil definir o conceito de raça, mas ninguém duvida da existência real das raças. Ninguém duvida também da existência dum génio nórdico, eslavo, oriental, expressão de cada uma destas raças e culturas.

A denominação de «génio latino» foi considerada excessivamente vaga, por se referir a realidades bastante heterogéneas: Virgílio e Rabelais, o direito romano e a

poesia medieval, Racine e Leopardi, S. João da Cruz e Voltaire, etc.

A minha opinião é que, pelo contrário, a expressão «génio latino» – pelo menos no sentido que costumamos atribuir-lhe – é demasiado rígida, porque não reflecte suficientemente as realidades. Quando se fala em «génio latino» ou em espiritualidade latina, pensamos logo em Virgílio, Petrarca ou Racine. Imaginemos este «génio latino» como um reservatório inesgotável de valores espirituais claros, equilibrados, lógicos, eurítmicos. A multiplicidade de recursos criativos latinos reduz-se, desta forma, a um pequeno número de qualificativos: clareza, proporção, graciosidade, simplicidade, espontaneidade, etc.

Desta maneira limita-se o conceito de latinidade, em vez de se alargar o suficiente para que possa incluir todas as criações latinas.

Este erro que levou ao empobrecimento da noção de latinidade – pelo menos na linguagem corrente – é a consequência de um mal-entendido bastante frequente no século XIX: a concepção monovalente, monolítica, de uma cultura, do génio duma raça, duma civilização.

Na origem deste mal-entendido encontra-se a teoria da «dominante», da «faculdade preponderante», simplificações tão exageradas quanto perigosas.

As relações espirituais são mutiladas pelos esquemas rígidos e simplistas: latinidade – amor pela clareza; espiritualidade germânica – propensão metafísica; anglo-

saxões – empirismo; Ocidente – acção; Oriente – contemplação, etc.

Não é tão simples como tudo isso. A cultura, o génio duma raça, não são monolíticos, mas polarizados.

Há na substância de cada cultura uma contradição originária, um conflito, ou melhor, uma ambivalência que apenas encontra equilíbrio em sínteses extremamente raras.

Por exemplo, costuma-se considerar, erradamente, que a contemplação constitui «a dominante» da espiritualidade oriental. Na realidade, em qualquer cultura oriental encontra-se sempre uma ambivalência bastante acentuada: contemplação – acção, misticismo – sensualismo; culto apaixonado da «forma» – repulsa pela «forma», etc. Não é este o momento para entrar em pormenores, basta lembrar que a espiritualidade indiana, por exemplo, não está orientada exclusivamente para a contemplação, para a indiferença perante as coisas terrestres, nem para a busca de um Nirvana qualquer, isto é, para a aniquilação do indivíduo e do mundo exterior; em simultâneo com esta tendência para o afastamento da realidade, depara-se, desde os inícios da cultura indiana até aos tempos modernos, com uma forte tendência, igualmente criativa, para a acção, para a conquista da realidade, para o concreto.

Para além dos Upanishadas e do Budismo, existe o Tantra, que se propõe conquistar e dominar a realidade exterior e as forças psíquicas – para não mencionarmos as escolas materialistas, eróticas e cónicas.

Não nos esqueçamos também que, na obra mais importante da espiritualidade indiana, na Bhagavad-Gitâ, a acção é considerada como um instrumento de salvação, ao lado da caridade e da contemplação.

Por isso, não é exacta a afirmação que o «génio latino» exclui sempre as criações que não se enquadram no esquema rígido: claridade, equilíbrio, etc.

Trata-se de génio «latino» mesmo quando este se exprime através do patetismo e da auto-ironia de Cervantes, do pessimismo de Leopardi, do fervor de Chateaubriand ou da riqueza confusa de Victor Hugo.

Devo acrescentar até que a missão do «génio latino» foi, sempre, esta mesma propensão para transformar em cultura as experiências mais diversas, as contradições mais inesperadas, as paisagens mais exóticas. Em comparação com outras estruturas espirituais europeias – germânica, anglo-saxónica, eslava – a latinidade manifesta-se como a mais rica, a mais complexa e a que possui uma capacidade ilimitada de se renovar, de se ultrapassar a si mesma e de renascer das suas próprias cinzas. Camões e Eminescu são duas ilustrações grandiosas desta força criadora.

Agora, algumas observações preliminares: há povos a quem cabe uma missão histórica, e outros cujo papel é passivo; estes últimos são povos que não interessam na história.

A missão histórica de um povo avalia-se em função das suas criações espirituais. Só os valores culturais,

justificam a existência e a missão de um povo. A história não leva em conta os povos estéreis.

Evidentemente, há nações ricas em criações colectivas – como são os tesouros folclóricos; outras há cujas aptidões se desenvolvem no sentido da criação individual, como por exemplo as culturas europeias modernas. Mas, fundamentalmente, trata-se do mesmo «gesto» espiritual: a criação.

As nações latinas herdaram essas esplêndidas tradições criativas.

Não podemos, dentro dos limites deste artigo, analisar se o elemento étnico latino foi ou não um factor preponderante na formação do pensamento e da criação espiritual – a língua, a fé, a cultura, a dignidade humana.

Talvez graças aos elementos autóctones que os colonos romanos assimilaram e latinizaram na Ibéria, na Gália, na Dácia, o génio latino se caracterize por uma extraordinária capacidade de mudança de carácter e de vivência no que respeita aos seus valores espirituais.

Nisto se vê uma grande semelhança entre a missão histórica de Roma e a do génio latino: a assimilação do mundo e a sua transformação em valores espirituais de circulação universal. Roma transformara os bárbaros em cidadãos romanos, transformara uma cultura local em cultura ecuménica: o génio latino transforma em cultura as «paisagens» mais variadas, dá uma significação espiritual até às experiências mais obscuras, mais áridas, mais insípidas.

Chegar a uma tal significação espiritual é chegar a um valor ecuménico, é transformá-la num objecto de circulação universal – ou fazer dela um instrumento de civilização e de dignidade humana. Desde há vinte e cinco séculos, o génio latino esforça-se por imprimir valores espirituais aos «objectos», «gestos», «paisagens» e «experiências» que antes estavam desprovidos de qualquer significado para as consciências humanas.

O Oceano com todos os seus mistérios, com os seus encantos escondidos, com a sua beleza, tinha sido até Camões um «objecto» sem significação espiritual.

O «Mar Tenebroso» era conhecido desde os tempos pré-históricos mas era como que um «dado imediato» da consciência, como um «facto», e não como uma fonte de emoções artísticas.

Uma obra de arte transforma o mundo quando surge; quem lê Virgílio «experimenta» a primavera duma maneira inédita e especial; o génio de Balzac obriga-nos a olhar com encanto para as coisas, as mobílias, o bric-à-brac das famílias burguesas que até ele estavam totalmente desprovidos de interesse artístico.

Dostoievsky convenceu-nos de que o subsolo da alma humana, as experiências que até ele eram consideradas de interesse quase exclusivamente clínico, têm um valor espiritual, um sentido moral e até um significado metafísico. Marcel Proust transformou em valores estéticos, em objectos de contemplação estética o microcosmo da «experiência»

humana não-diferenciada e, depois de ler *À la recherche du temps perdu* ninguém se sente o mesmo, porque Proust modificou realmente o mundo, criando no indivíduo novas capacidades para a compreensão das realidades exteriores e da sua própria alma.

A lista poderia continuar: Shakespeare, Goethe, Novalis, Edgar Poe, Unamuno...

O que Camões trouxe de novo para a cultura universal foi precisamente a transformação em valores espirituais das «geografias» e das experiências anteriormente consideradas «bárbaras» e sem nenhum significado superior.

Rémy de Gourmont escreveu uma vez que o mar é uma descoberta dos românticos. Isso poderia ser verdade para o mar nórdico, embrulhado em nevoeiros, povoado de fantasmas. Mas o glorioso Atlântico e os mares orientais são uma descoberta estética de Camões. Pelo seu génio, graças à sua obra, a paisagem marítima fica incorporada no universo estético e transforma-se em objecto de contemplação, em fonte de emoções artísticas.

Camões justifica no plano estético as descobertas marítimas e as conquistas coloniais portuguesas.

Tal como os navegadores e os colonos portugueses alargaram consideravelmente o universo geográfico do seu tempo, da mesma maneira Camões aumentou o universo estético contemporâneo e, indirectamente, a vida espiritual do seu tempo. Pois é óbvio que a transformação dum nível

cósmico em objecto de contemplação artística não é um facto que interesse apenas à história da arte.

Fazer de um «Mar Tenebroso», conhecido até então apenas pelos marinheiros e pelos pescadores, um objecto de contemplação estética, é transformá-lo num alimento espiritual acessível a qualquer pessoa.

Seria ingénuo pensarmos que o alimento espiritual não modifica o ser humano; e seria igualmente ingénuo pensarmos que, se a descoberta da agricultura, por exemplo, revolucionou por completo a natureza humana, a descoberta estética do oceano ou da flora tropical ou do exotismo não tenha tido consequências para a integridade espiritual do homem.

Nós, os modernos, descuramos as consequências cosmológicas de todas as experiências humanas, desde a mais elementar (por exemplo, a alimentação) até à mais complexa (por exemplo, a penetração num universo mental imediato).

Mas a verdade é que a presença deste objecto de conhecimento (e qualquer objecto, logo que adquira um «sentido», torna-se «objecto de conhecimento») modifica a estrutura espiritual do homem, mesmo sem que este se dê conta.

Camões, que alargou consideravelmente o «universo estético» europeu, que deu valor artístico a uma infinidade de fragmentos que antes tinham sido considerados sem interesse estético, que transformou em objectos de

contemplação as paisagens bárbaras, as plantas exóticas, as curiosidades etnográficas, – contribuiu para a modificação do universo mental do homem da Renascença.

Não nos podemos alimentar com «a rica Malaca», com «a nobre Taprobana», com «a costa que se chama Champa», com «Bornéu onde não faltam / lágrimas no licor» ou com «Timor que o lenho manda / sândalo salutífero» e não nos alimentamos com... «uma figura sólida e cheia de saúde, de grande porte e disforme, com a cara carrancuda e o cabelo em pé»... sem que sejamos influenciados por todos estes «alimentos» exóticos aos quais Camões tirou as toxinas e a que aumentou a beleza.

Chateaubriand criou a «moda» exótica e Camões justificou com o seu génio uma corrente exótica muito complexa que começou com a apologia do «bom selvagem» no século XVIII e acabou com Gauguin, com a música negra e com a moda da «pele bronzeada» dos nossos dias.

Não se deve perder de vista que também foi Camões quem, com «Aquela cativa», provocou uma verdadeira revolução das normas estéticas europeias. O ideal europeu de beleza feminina tinha sido sempre a loura, desde Helena de Tróia a Isolda, Blanche-fleur, Beatriz e Laura.

Talvez tenha sido um símbolo solar ou uma superstição aristocrática, pois a pele branca prova uma ascendência nobre de mulher que não trabalha o campo, mas leva uma vida agradável no seu castelo.

A revolução camoniana consistiu no facto de ter legitimado não apenas as belezas morenas, mas também as belezas bárbaras e exóticas, mulheres negras como «aquela cativa» ou chinesas como Dinamene.

Evidentemente, não se pode esgotar em algumas linhas o interesse da revolução camoniana no seu sentido estético e moral. (Tencionamos tratar mais amplamente este assunto no estudo «A ilha dos amores e as geografias míticas» e no livro *Camões, uma tentativa de filosofia da cultura*.)

Queremos, no entanto, evidenciar já a missão latina do grande escritor português, que integrou no universo estético europeu inúmeras «terras desconhecidas», que transformou em «bens espirituais» uma infinidade de tesouros desconhecidos, que enriqueceu a substância da latinidade com experiências, com paisagens e com «gestos» considerados até então sem nenhuma possibilidade de serem transformados em objectos de contemplação, em valores espirituais de circulação.

A intervenção de Camões no universo mental europeu permite-nos compreender melhor a latinidade.

E óbvio que esta contribuição de Camões contradiz a fórmula do génio latino reduzido a apenas alguns atributos como a elegância, o equilíbrio, a clareza, etc.

Encontramos um fenómeno semelhante no outro extremo da latinidade europeia: na Roménia.

É o caso do poeta romeno Mihai Eminescu (1850-1889), um dos maiores génios líricos da latinidade, que

também contribuiu duma forma extraordinária para o alargamento do horizonte espiritual europeu como «conquistador de novos mundos». Tal como Camões, Eminescu explorou uma vasta e selvagem «terra incógnita» e transformou em valores espirituais experiências anteriormente consideradas como desprovidas de significado. Camões enriqueceu o mundo latino com paisagens marítimas, com flores estranhas, com belezas exóticas. Eminescu enriqueceu o mesmo mundo com uma novidade geográfica, a Dácia, e com novos mitos.

Evidentemente, antes dele, a poesia popular romena – uma das mais ricas do mundo – tinha criado com os mesmos materiais certas obras-primas; Eminescu não é apenas um continuador dessa inspiração popular, mas também um génio autónomo, criador de mitos.

A Dácia era para os primeiros colonos romanos um país bárbaro povoado pelos citas e pelos getas, sacudido pelas tempestades de neve que vinham das estepes russas.

Lembre-mos dos lamentos de Ovídio no seu exílio em Tomis (Constança de hoje), à beira do Mar Negro: «Este céu e estas águas são insuportáveis. Não sei porquê, até esta, terra me repugna» (*Tristes*, III, 3).

E ainda: «Aqui não há nenhum livro que nos sirva de alimento espiritual; ninguém a quem possa ler os meus versos ou que seja capaz de os compreender. À frente dos olhos só vejo trácios e citas» (*ibidem*, III, 14).

Em resumo, um país bárbaro, fora da civilização. *Bárbaro* significa em grego «o que gagueja», quer dizer, que não se exprime correctamente.

As legiões de Trajano, o génio colonizador de Roma, a civilização latina transformaram esta região bárbara na *Dacia felix*, na mais rica província do Império romano.

A língua latina, criando uma outra língua, a romena, ajudou os habitantes da Dácia a expressarem-se, correctamente, noutras palavras, a perderem o seu «gaguejo» de bárbaros.

Tal como as legiões romanas as englobaram na civilização europeia, o génio criador do povo romeno englobou na cultura europeia uma nova paisagem e novas experiências espirituais.

Através de um poema de Eminescu, *Prece de um Dácio*, a sensibilidade latina ficou enriquecida com uma visão da vida que não se assemelha a nenhuma das dos poetas pessimistas da Europa.

A sua obra prima, *Luceafărul* («Vésper»), pode ser considerada como um dos mais belos poemas da literatura universal e a sua metafísica, a dimensão cósmica do drama de Hypérion, a beleza estranha, dir-se-ia litúrgica, dos seus versos, são acréscimos ao universo mental da latinidade. Esta «geografia bárbara», que era a Dácia para os primeiros romanos, deu origem a uma experiência pessoal da vida, a uma *Weltanschauung* específica, a uma atitude característica perante o Universo e perante Deus.

Através de alguns magníficos poemas de Eminescu – como, por exemplo, *Melancolia*, *Mortua est*, *Epístola I*, *Doina*, *Glosa* – um mundo inteiro, antes desconhecido, entra no património comum da humanidade.

Uma doce resignação ante a evolução universal, um melancólico desejo de reintegração no Cosmos, de restauração da unidade primordial (quando o indivíduo fazia ainda parte do Todo), um sentimento de solidão metafísica e especialmente a inefável saudade romena enriqueceram o repertório espiritual latino.

O pessimismo de Eminescu tem origem numa visão trágica da existência, mas esta visão é sóbria, digna, viril, e nela reconhece-se a resignação calma dos dácios e o seu desprezo pela morte e pelos sofrimentos físicos.

O génio latino enriqueceu-se através da criação poética de Eminescu tal como se enriqueceu através das obras de Camões.

Estes dois exemplos são suficientes para nos convencermos de que o «génio latino», longe de se repetir indefinidamente através de criações estereotipadas, possui, pelo contrário, uma prodigiosa capacidade de renovação, transformando sem cessar as matérias brutas em valores espirituais, absorvendo incansavelmente «novas geografias» e novos universos espirituais.

O universo mental da latinidade é um *expanding Universe* em perpétua transformação e movimentação.

Só quem desconhece a riqueza e a variedade das criações da latinidade pode acreditar na esterilidade do seu génio. Só quem aprecia o génio latino apenas em função de certos escritores franceses e reduz a latinidade ao binómio Racine – Paul Valéry pode acreditar no esgotamento da capacidade criativa da espiritualidade latina.

Pelo contrário, a existência de um Unamuno, de um Rebreanu, de um Italo Svevo, etc. – para falar apenas em alguns dos prosadores contemporâneos – confirma o vigor, a variedade, a altura de nível da criação latina recente. Realmente, os nomes que acabo de citar constituem, dentro da mesma família, três variedades totalmente diferentes.

É, no entanto, óbvio que, para nos darmos conta da verdadeira estrutura do génio latino e para compreender bem a sua missão, é necessário renunciar aos nossos cosmopolitismos mentais e pensar nas realidades, deixando de lado as fórmulas já consagradas e as palavras sem sentido.

Pensar nas realidades implica um conhecimento directo das coisas, – conhecimento que, infelizmente, poucos têm.

Somos os escravos dos modelos estrangeiros; somos clientes fiéis das livrarias francesas, onde não se encontram autores portugueses, romenos, italianos ou espanhóis. E, por causa desta ignorância – que se deve à nossa facilidade de conhecermos o mundo através de apenas uma língua ou duas – nós, os latinos, sofremos hoje de um complexo de inferioridade.

Cada um de nós sente-se empobrecido; mas os únicos responsáveis por este empobrecimento somos nós, pois ninguém nos impede de aprendermos outras línguas românicas, de conhecermos outras espécies de espiritualidade latina.

O «génio latino» continua a criar e a alargar o universo mental da humanidade. Hoje, tal como no passado, são válidos os versos do poeta romeno Vasile Alecsandri:

*«A latina tribo é rainha
Entre as outras grandes do mundo».*

«Vremea», ano XVI (1943), 9 de aio, No. 687, pp. 8-10.
Tradução de Anca Ferro

Luís de Camões

Sonetos

Sete anos de pastor Jacob servia

*Sete anos de pastor Jacob servia
Labão, pai de Raquel, serrana bela;
Mas não servia ao pai, servia a ela,
E a ela só por prémio pretendia.*

*Os dias, na esperança de um só dia,
Passava, contentando-se com vê-la,
Porém o pai, usando de cautela,
Em lugar de Raquel lhe dava Lia.*

*Vendo o triste pastor que com enganos
Lhe fora assi negada a sua pastora,
Como se a não tivera merecida,*

*Começa de servir outros sete anos,
Dizendo: – Mais servira, se não fora
Pera tão longo amor tão curta a vida!*

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades

*Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
Muda-se o ser, muda-se a confiança;
Todo o Mundo é composto de mudança,
Tomado sempre novas qualidades.*

*Continuamente vemos novidades,
Diferentes em tudo da esperança;
Do mal ficam as mágoas na lembrança,
E do bem, se algum houve, as saudades.*

*O tempo cobre o chão de verde manto,
Que já coberto foi de neve fria,
E em mim converte em choro o doce canto.*

*E, afora este mudar-se cada dia,
Outra mudança faz de mor espanto,
Que não se muda já como soía.*

De vós me aparto, ó Vida! Em tal mudança

*De vós me aparto, ó Vida! Em tal mudança
Sinto vivo da morte o sentimento.
Não sei pera que é ter contentamento,
Se mais há-de perder quem mais alcança.*

*Mas dou-vos esta firme segurança:
Que posto que me mate meu tormento,
Pelas águas do eterno esquecimento
Segura passará minha lembrança.*

*Antes sem vós meus olhos se entristeçam,
Que com qualquer cousa outra se contentem;
Antes os esqueçais, que vos esqueçam;*

*Antes nesta lembrança se atormentem
Que com esquecimento desmereçam
A glória que em sofrer tal pena sentem.*

Alma minha gentil, que te partiste

*Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida, descontente,
Repousa lá no Céu eternamente
E viva eu cá na terra sempre triste.*

*Se lá no assento etéreo, onde subiste,
Memória desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor ardente
Que já nos olhos meus tão puro viste.*

*E se vires que pode merecer-te
Alguma cousa a dor que me ficou
Da mágoa, sem remédio, de perder-te,*

*Roga a Deus, que teus anos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.*

Oh! Como se me alonga de ano em ano

*Oh! Como se me alonga de ano em ano
A peregrinação cansada minha!
Como se encurta e como ao fim caminha
Este meu breve e vão discurso humano!*

*Vai-se gastando a idade e cresce o dano;
Perde-se-me um remédio que inda tinha;
Se por experiência se adivinha,
Qualquer grande esperança é grande engano.*

*Corro após este bem que não se alcança;
No meio do caminho me falece;
Mil vezes caio e perco a confiança.*

*Quando ele foge, eu tardo; e na tardança,
Se os olhos ergo, a ver se ainda parece,
Da vista se me perde e da esperança.*

Amor é fogo que arde sem se ver

*Amor é fogo que arde sem se ver;
É ferida que dói e não se sente;
É um contentamento descontente;
É dor que desatina sem doer;*

*É um não querer mais que bem querer;
É solitário andar por entre a gente;
É nunca contentar-se de contente;
É cuidar que se ganha em se perder;*

*É querer estar preso por vontade;
É servir a quem vence, o vencedor;
É ter com quem nos mata lealdade.*

*Mas como causar pode seu favor
Nos corações humanos amizade,
Se tão contrário a si é o mesmo Amor?*

Eu cantei já, e agora vou chorando

*Eu cantei já, e agora vou chorando;
O tempo que cantei tão confiado;
Parece que no canto já passado
Se estavam minhas lágrimas criando.*

*Cantei; mas se me alguém pergunta quando,
Não sei; que também fui nisso enganado.
É tão triste este meu presente estado,
Que o passado por ledó estou julgando.*

*Fizeram-me cantar, manhosamente,
Contentamentos não, mas confianças;
Cantava, mas já era ao som dos ferros.*

*De quem me queixarei, que tudo mente?
Mas eu que culpa ponho às esperanças,
Onde a Fortuna injusta é mais que os erros?*

Mihai Eminescu

Sonetos

Passaram anos...

Passaram anos – e outros vão passar,
Desde a sagrada ora em que nos vimos;
Mas lembro sempre quanto nos amámos,
Encanto de olhos grandes e mãos frias!

Oh, volta! Inspira-me palavras ternas,
Oh, deixa-me sonhar mais uma vez
À luz do teu olhar em mim pousado,
E arranca à minha lira novos cantos!

Tua presença – nem tu sabes, querida! –
Enche-me o coração de funda calma,
Como o surgir da estrela no silêncio;

E, vendo o teu sorriso de criança,
Extingue-se esta vida dolorosa,
A minh'alma transborda, o olhar abrasa

Quando se cala o próprio pensamento...

Quando se cala o próprio pensamento,
Doce, piedoso canto em mim ressoa.

Então, invoco-te. – Ouvirás o apelo?
Virás das frias brumas onde pairas?

Virás iluminar a noite opaca
Com os teus olhos plácidos e grandes?
Ressurge, vem da sombra de outros tempos,
Para te ver voltar, como num sonho!

Desce, suave... perto... muito perto;
Encosta à minha face o teu sorriso,
Faz-me crer, suspirando, que voltaste.

Tuas pestanas toquem-me nas pálpebras;
Que eu num frémito sinta o teu abraço –
Perdida para sempre e sempre amada!

Veneza

Finou-se a vida da Veneza altiva
Não mais canções, não mais festivas luzes;
No mármore das escadas, nos portais,
Entra o luar, embranquecendo tudo.

Okéanos soluça nos canais...
Só ele está sempre em flor de juventude;
Daria a vida à sua grácil noiva...
De encontro aos muros faz soar as vagas.

Há paz de cemitério na cidade;
São Marco, velho padre de outros tempos,
Sinistramente bate a meia noite.

Com voz profunda, em língua de Sibila,
Segreda na cadência dos segundos:
– «Em vão, criança – os mortos não regressam!»

Foram-se os anos...

Foram-se os anos, como longas nuvens
Sobre plainos, e nunca voltarão:
Já hoje não me encantam, como outrora,
Lendas e doinas, crenças, adivinhas,

Que a minha mente ingénua serenaram,
Mal entendidas, cheias de sentido –
Com tuas sombras já em vão me cercas,
Misteriosa hora do crepúsculo.

Para arrancar um som do meu passado
E fazer que a minh'alma ainda vibre,
Em vão deslizo a minha mão na lira;

Tudo se foi no céu da juventude,
Emudeceu a boca de outras eras
E o tempo gera a sombra em que me abismo.

Por mais estrelas...

Por mais estrelas que ardam nas alturas,
Por mais ondas que o mar vá agitando,
Com essa luz e essa inquietação,
O que dizem ou querem – ninguém sabe.

Tu podes, pois, seguir qualquer caminho.
Ser grande e bom, ou cheio de pecados.
Será o mesmo pó, o mesmo abismo,
De tudo e tua, a mesma herança: o olvido.

Parece-me que morro... junto à porta
Aguardam os que querem enterrar-me...
Distingo cantos, vejo luz de archotes.

Ó terna sombra, vem mais perto ainda –
Que eu sinta sobre mim pairar o génio
Da morte – de asas negras os olhos húmidos.

Ressurge sobre mim...

Ressurge sobre mim, suave luz,
Como no meu celeste sonho, outrora;
Ó Mãe Divina, Sempiterna Virgem,
Meus pobres pensamentos ilumina.

Não deixes perecer a minha esperança,
Embora os meus pecados sejam fundos;
O Teu olhar, cheio de quentes lágrimas,
Descansa sobre mim, piedosamente.

Todos me abandonaram e perdi-me
No fundo sofrimento do meu Nada.
De tudo já descreio e estou sem forças.

Dá-me de novo a fé e a juventude,
E no Teu céu de estrelas reaparece,
P'ra sempre Te adorar, Virgem Maria!

O Album

O album? Concorrido baile de máscaras,
Onde se tornam todos salientes,
Dissimulando rosto, voz, ideia...
Peroram todos – e ninguém os ouve.

Entrei também – vê os meus lentos passos –
E com inculta pena um verso tento,
Depondo sobre a mesa este papel
Que não sonhou jamais com o Parnaso.

Para evocares as festas do passado,
à força pões na minha mão a pena –
Ceifando assim a todos umas palhas,

Depois olhas, sorrindo, alguma folha
E o nosso esforço gozas, com perfídia,
Fitando, em bloco, a estupidez imóvel.

Tradução de Victor Buescu e Carlos Queiroz
(Editorial Fernandes, Lisboa, 1950)

Luís de Camões

Os Lusíadas
fragmentos

Canto III

.....
(11-12)

*Entre este Mar e o Tánais vive estranha
Gente, Rutenos, Moscos e Livónios,
Sármatas outro tempo; e na montanha
Hircínia os Marcomanos são Polónios.
Sujeitos ao Império de Alemanha
São Saxones, Boémios e Panónios
E outras várias nações, que o Reno frio
Lava, e o Danúbio, Amásis e Álbis Rio.*

*Entre o remoto Istro e o claro Estreito
Aonde Helle deixou, co' o nome, a vida,
Estão os Traces de robusto peito,
Do fero Marte pátria tão querida,
Onde, co' o Hemo, o Ródope sujeito
Ao Otomano está, que submetida
Bizâncio tem a seu serviço indino.
Boa injúria do grande Constantino!*

.....
(118-135)

*Passada esta tão próspera vitória,
Tornado Afonso à Lusitana terra,
A se lograr da paz com tanta glória
Quanta soube ganhar na dura guerra,
O caso triste, e digno da memória*

*Que do sepulcro os homens desenterra,
Aconteceu da mísera e mesquinha
Que depois de ser morta foi Rainha.*

*Tu, só tu, puro Amor, com força crua,
Que os corações humanos tanto obriga,
Deste causa à molesta morte sua,
Como se fora pérfida inimiga.
Se dizem, fero Amor, que a sede tua
Nem com lágrimas tristes se mitiga,
É porque queres, áspero e tirano,
Tuas aras banhar em sangue humano.*

*Estavas, linda Inês, posta em sossego,
De teus anos colhendo doce fruto,
Naquele engano da alma, ledo e cego,
Que a Fortuna não deixa durar muito,
Nos saudosos campos do Mondego,
De teus formosos olhos nunca enxuto,
Aos montes ensinando e às ervinhas
O nome que no peito escrito tinhas.*

*Do teu Príncipe ali te respondiam
As lembranças que na alma lhe moravam,
Que sempre ante seus olhos te traziam,
Quando dos teus formosos se apartavam;
De noite, em doces sonhos que mentiam,
De dia, em pensamentos que voavam.*

*E quanto, enfim, cuidava e quanto via
Eram tudo memórias de alegria.*

*De outras belas senhoras e Princesas
Os desejados tálamos enjeita,
Que tudo enfim, tu, puro amor, desprezas
Quando um gesto suave te sujeita.
Vendo estas namoradas estranhezas,
O velho pai sesudo, que respeita
O murmurar do povo e a fantasia
Do filho, que casar-se não queria,*

*Tirar Inês ao mundo determina,
Por lhe tirar o filho que tem preso,
Crendo co' o sangue só da morte indina
Matar do firme amor o fogo aceso.
Que furor consentiu que a espada fina
Que pôde sustentar o grande peso
Do furor Mauro, fosse alevantada
Contra uma fraca dama delicada?*

*Traziam-na os horríficos algozes
Ante o Rei, já movido a piedade;
Mas o povo, com falsas e ferozes
Razões, à morte crua o persuade.
Ela, com tristes e piedosas vozes,
Saídas só da mágoa e saudade*

*Do seu Príncipe e filhos, que deixava,
Que mais que a própria morte a magoava,*

*Para o céu cristalino alevantando,
Com lágrimas, os olhos piedosos
(Os olhos, porque as mãos lhe estava atando
Um dos duros ministros rigorosos);
E depois nos meninos atentando,
Que tão queridos tinha e tão mimosos,
Cuja orfandade como mãe temia,
Para o avô cruel assim dizia:*

*Se já nas brutas feras, cuja mente
Natura fez cruel de nascimento,
E nas aves agrestes, que somente
Nas rapinas aéreas têm o intento,
Com pequenas crianças viu a gente
Terem tão piedoso sentimento
Como co'a mãe de Nino já mostraram,
E co'os irmãos que Roma edificaram;*

*Ó tu, que tens de humano o gesto e o peito
(Se de humano é matar uma donzela,
Fraca e sem força, só por ter sujeito
O coração a quem soube vencê-la),
A estas criancinhas tem respeito,
Pois o não tens à morte escura dela;*

*Mova-te a piedade sua e minha,
Pois te não move a culpa que não tinha.*

*E se, vencendo a Maura resistência,
A morte sabes dar com fogo e ferro,
Sabe também dar vida, com clemência,
A quem para perdê-la não fez erro.
Mas, se to assim merece esta inocência,
Põe-me em perpétuo e mísero desterro,
Na Cítia fria ou lá na Líbia ardente,
Onde em lágrimas viva eternamente.*

*Põe-me onde se use toda a feridade,
Entre leões e tigres, e verei
Se neles achar posso a piedade
Que entre peitos humanos não achei.
Ali, co' o amor intrínseco e vontade
Naquele por quem morro, criarei
Estas relíquias suas que aqui viste,
Que refrigério sejam da mãe triste.*

*Queria perdoar-lhe o Rei benigno,
Movido das palavras que o magoam;
Mas o pertinaz povo e seu destino
(Que desta sorte o quis) lhe não perdoam.
Arrancam das espadas de aço fino
Os que por bom tal feito ali apregoam.*

*Contra uma dama, ó peitos carnicheiros,
Feros vos amostrais e cavaleiros?*

*Qual contra a linda moça Policena,
Consolação extrema da mãe velha,
Porque a sombra de Aquiles a condena,
Co' o ferro duro Pirro se aparelha;
Mas ela, os olhos com que o ar serena
(Bem como paciente e mansa ovelha)
Na mísera mãe postos, que endoidece,
Ao duro sacrificio se oferece:*

*Tais contra Inês os brutos matadores,
No colo de alabastro, que sustinha
As obras com que Amor matou de amores
Aquele que depois a fez Rainha,
As espadas banhando, e as brancas flores,
Que ela dos olhos seus regadas tinha,
Se encarniçavam, fêrvidos e irosos,
Nu futuro castigo não cuidadosos.*

*Bem puderas, ó Sol, da vista destes,
Teus raios apartar aquele dia,
Como da seva mesa de Tiestes,
Quando os filhos por mão de Atreu comia.
Vós, ó côncavos vales, que pudestes
A voz extrema ouvir da boca fria,*

*O nome do seu Pedro, que lhe ouvistes,
Por muito grande espaço repetistes.*

*Assim como a bonina que cortada
Antes do tempo foi, cândida e bela,
Sendo das mãos lascivas maltratada
Da menina que a trouxe na capela,
O cheiro traz perdido e a cor murchada:
Tal está, morta, a pálida donzela,
Secas do rosto as rosas e perdida
A branca e viva cor, co' a doce vida.*

*As filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando memoraram,
E, por memória eterna, em fonte pura
As lágrimas choradas transformaram.
O nome lhe puseram, que inda dura,
Dos amores de Inês, que ali passaram.
Vede que fresca fonte rega as flores,
Que lágrimas são a água e o nome Amores.*

.....

Mihai Eminescu

Vesper
fragmento

.....
Vésper partiu. Cresceram tanto
no céu suas asas de gigante,
que ele milénios percorreu
no decorrer de um só instante.

Um céu de estrelas por debaixo,
acima dele um céu de estrelas.
Igual a um raio que não cessa,
riscava o espaço em meio delas.

Pelas caóticas paragens,
ao seu redor, pelos azuis,
como a primeira madrugada,
viu irromper a luz da luz;

Como manando, ao derredor,
igual a mares, luz boiando...
Voa, levando a sua dor
até onde tudo vai findando;

Até onde vai, não há limites,
nem olhos para conhecer,
e o tempo intenta, sempre em vão,
desses vazios renascer.

E nada existe, e há, no entanto:
a sede o tem absorvido,
qual fundo abismo que assemelha
o olhar cego de um olvido.

«– Do peso atroz da eternidade,
livra-me a vida, Pai Amado,
e para sempre o nome teu
seja nos séculos louvado;

Pede, Senhor, um alto preço,
mas dá-me agora uma outra sorte,
pois fonte és de toda a vida
e doador também da morte.

Retira-me a imortal auréola
e dos meus olhos o esplendor,
por tudo isso, dá-me em troca
uma hora única de amor.

Do caos, Senhor, apareci,
lá voltaria, a fazer pouso...
Se do repouso é que nasci,
estou sedento de repouso.»

«– Hypérion, tu, que dos abismos
ao mundo vão foste trazido,

não peças graças nem sinais
que não têm nome nem sentido.

Queres como homem imaginar-te,
com eles queres semelhança?
Eles perecem todos, todos,
mas nascem homens, é a usança.

Duram apenas como o vento,
passagem vã, vãos ideais –
Se as vagas morrem no oceano,
ressurgem vagas sempre iguais.

São presas fáceis do destino,
sonham estrelas que dêem sorte;
somos sem tempo e sem lugar,
nós não sabemos o que é morte.

Do seio do passado eterno
nutre-se o hoje, que perece;
se em meio ao céu se extingue o sol,
um sol igual logo aparece.

Eles estão sempre a nascer
e a morte após sempre a matar;
pois todos nascem pra morrer,
pra outros vivos engendrar.

Mas tu, Hypérion, permaneces
por onde quer que surja o tempo...
Pede-me o Verbo inaugural –
Queres o meu discernimento?

Que eu dê voz àquelas grutas,
depois a elas dê cantar,
para unir montes com florestas
e unir as ilhas sobre o mar?

Queres, por etos, demonstrar
que tens justiça e fortaleza?
Dar-te-ia a terra, por pedaços,
para construir tua realeza.

Dou-te milhões de belonaves,
dou-te o exército mais temível
para cruzar terras e mares,
mas dar-te a morte é impossível.

E por quem queres tu morrer?
Retorna, Hypérion, e te dirige
àquela terra peregrina
e vê o que lá te espera e exige.»

*

Ao seu lugar no firmamento
Vésper tornou, tal como era;

e, como dantes, fez descer
a sua luz por sobre a terra.

A tarde finda, no poente
e a noite vem se aproximando;
desponta a lua, mansamente,
deixando as águas ondulando.

Preenche a noite com seu brilho,
banha as veredas do pomar;
à sombra mágica das tílias,
jovem casal a namorar:

«– Deixa o meu rosto repousar
entre os teus seios, minha amada,
sob este olhar belo e sereno
como tão doce não há nada;

Com o feitiço da luz calma,
penetra nos meus pensamentos,
entrega-me um silêncio brando
em minha noite de tormentos.

Fica ao meu lado, fica aqui,
acaba o meu pesar inteiro,
pois és o meu primeiro amor
e és meu sonho derradeiro.»

Hypérion via, das alturas,
o encantamento em suas faces;
o braço dele, em seu pescoço,
era enlaçado por seus braços.

Argêntas flores perfumadas
caíam – chuva alvissareira –
sobre as cabeças alouradas,
trançada e longa cabeleira.

Embriagada ela de amor,
levanta o olhar. E vislumbrando
Vésper, lhe fala bem baixinho,
os seus desejos segredando:

«– Desce até mim, meu meigo astro,
desce através de um raio brando,
penetra o bosque e os meus sentidos
a minha sorte iluminando!»

Ele estremece, como outrora,
por sobre bosques e colinas
a conduzir as solidões
das verdes ondas peregrinas;

Mas já não cai, tal como dantes
no imenso mar, do alto do céu:

Camões e Eminescu _____

«– A ti que importa, olhar de argila,
se será outro ou serei eu?

Em vosso círculo, tão estreito,
a vida passa, foge a sorte.
Mas eu, num mundo que é perfeito,
habito a luz, não tenho morte.»

Tradução de Luciano Maia
(UFC Edições, Fortaleza, 1998)

ÍNDICE

José Augusto Seabra, <i>Camões e Eminescu lidos por Mircea Eliade</i>	6
Luís de Camões, Dados biográficos até hoje precários e incompletos (tradução de Micaela Ghițescu)	12
Mihai Eminescu, Referências prévias (tradução de Micaela Ghițescu)	23
Mircea Eliade, <i>Camões e Eminescu</i> (tradução de Anca Ferro)	54
Luís de Camões, <i>Sonetos</i>	69
<i>Sete anos de pastor Jacob servia</i>	70
<i>Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades</i>	71
<i>De vós me aparto, ó Vida! Em tal mudança</i>	72
<i>Alma minha gentil, que te partiste</i>	73
<i>Oh! Como se me alonga de ano em ano</i>	74
<i>Amor é fogo que arde sem se ver</i>	75
<i>Eu cantei já, e agora vou chorando</i>	76
Mihai Eminescu, <i>Sonetos</i> (tradução de Victor Buescu e Carlos Queiroz)	77
<i>Passaram anos</i>	78
<i>Quando se cala o próprio pensamento</i>	79
<i>Veneza</i>	80
<i>Foram-se os anos</i>	81
<i>Por mais estrelas</i>	82
<i>Ressurge sobre mim</i>	83
<i>O album</i>	84
Luís de Camões, <i>Os Lusíadas</i> – fragmentos do Canto III	85
Mihai Eminescu, <i>Vesper</i> – fragmento (tradução de Luciano Maia)	93

LIBRA[®] București

***Sediul social: Calea Moșilor nr. 125,
Sector 2, 70314
Tel./Fax: 01 /315.05.34***

***Sediul administrativ: Piața Presei Libere nr. 1
Sectorul 1, O.P. 33-77
Tel./Fax: 01 /222.67.21
e-mail: office.libra@itcnet.ro
www.apler.ro***

Consilier editorial: ION TOMESCU

Redactor: DANIELA TOMESCU
Redactor: DANIELA TOMESCU
Producție: EUGEN PRISLOPAN
Procesare: S.C. TEHNO TEAM S.R.L.

Coli tip: 7. B.T.: 30.11.2000.

Lucrare executată la Tipografia „BUCUREȘTII NOI”
Str. Hrisovului nr. 18A, sector 1, București
Tel.: 667 64 28; Fax: 667 21 85 Centrală: 667 55 70